

O enorme prazer de ser grato

Herbert Carneiro

Desembargador;
presidente da Amagis

Dos poetas e de corações

Para falar de Belo Horizonte, é necessário dialogar, antes, com os poetas que a descrevem com intensidade, para, depois de entendê-la em suas linhas, curvas, ruas e avenidas, sentir a poesia que a própria cidade inspira.

Por alguns intensos momentos, troco as avenidas Amazonas e do Contorno, a rua da Bahia, a praça Sete, a da Savassi e a de Santa Tereza pelo passeio na sinuosidade insinuante de Drummond, Fernando Brant e outros devotados.

Não falo mais apenas sobre Belo Horizonte, mas como cidadão novo forjado nas serras do Espinhaço de Conceição do Mato Dentro. Como disse o poeta, a cidade enche o coração e a alma da gente: ela não é o que se vê, é o que se sente; sentir-se bem acompanhado, seguro, sentir-se cidadão. A cidade é você, sou eu e somos todos nós. A cidade é a cara do povo que mora nela. Esse é o sentimento maior que nos inspira a nossa querida BH.

Mais do que dos nascidos, Belo Horizonte é de todos nós, mineiros, e dos estran-

geiros que aqui ficaram. Os imigrantes e os descendentes são um traço marcante da cidade, com seus múltiplos sotaques, dos quais 14 foram preferidos, entre eles Juscelino e Pierucetti.

No cenário político, refiro-me ao “Manifesto dos Mineiros”. Foi aqui que surgiram os primeiros sinais de esgotamento político do Estado Novo, pontuando e reclamando o restabelecimento imediato da democracia.

No cenário cultural, também é rica a sua história, a encher de orgulho e compromisso, com as mais legítimas tradições, a vida dos belo-horizontinos.

Se rica é a história político-cultural de Belo Horizonte, notáveis são alguns temas e lugares, relacionados com a evolução da capital e com o estilo belo-horizontino de difundir o jeito mineiro de ser e viver pelo mundo afora.

Como ponto de referência, o Palácio da Liberdade, com estilo eclético e influências neoclássicas, a significar a rejeição ao passado monárquico, identificado com o atraso e a opressão política.

O Mercado Central é

aquela verdadeira instituição popular, a “casa democrática e plural”, como o chamou o saudoso poeta Fernando Brant. Também na música, a geração do Clube da Esquina exibiu ao mundo a união de grandes compositores, criando canções fincadas nas raízes de Minas Gerais.

Não fosse toda essa rica história político-cultural a nos encantar e nos fazer devotados amantes seus, acrescento a tudo isso o acolhimento de filho que, aqui, sempre tive, propiciando-me o cumprimento exitoso de minha trajetória de vida pessoal e profissional.

Abraçado por essa identidade e por esse reconhecimento, que só acontece quando o amor é recíproco, subscrevo o compromisso de tudo fazer para honrar Belo Horizonte e defender os interesses de sua gente, agora conterrâneos queridos. Calha, nessa hora, um pensamento simples, mas expressivo: a gratidão é um modo de ser feliz; só a extrema pobreza espiritual desconhece o enorme prazer de ser grato.

Márcio Garcia Vilela

Duas revistas inteligentes, cada uma a seu modo

Fontes Normal Curtir 6 Tweet 1 G+1 0

PUBLICADO EM 03/10/15 - 03h00

Recebi nesta semana duas revistas interessantes, que merecem uma apreciação. A primeira, pela assinatura da minha mulher, mantida há um bom tempo. Trata-se da "Veja", da editora Abril, de que gosto sem dizer que sou constante na sua leitura. Nada demais nisso, apenas o resultado da minha luta contra o tempo. Hoje em dia, as publicações vêm aos borbotões. A propósito, sinto dificuldade em prognosticar o futuro desses instrumentos de informações vis-à-vis os efeitos disparados da tecnologia como fontes de informações.



A discussão do tema não é de hoje. Desde o lançamento dos computadores e do seu constante aperfeiçoamento, coloca-se o assunto em discussão. Na longa lista que foi se formando, a primazia coube ao velho livro. O que seria dos clássicos, por exemplo? Algum editor se lembraria de reeditá-los ou esse tipo de leitura estaria condenado? Tecnicamente, têm sobrevivido; certo é que estão aí, circulando. É só entrar numa livraria de boa categoria. Em pouco tempo, se perde naquela profusão de livros reeditados ou saídos recentemente, e os velhos, os sebos estão por aí, ainda não perderam lugar.

Acho que sou um bom exemplo. Só a lembrança da biblioteca de Babel ou de Borges me enche a cabeça do passado vivido que parece ressuscitar um mundo tocoso, como diria a presidente Dilma ao comentar ideias macroeconômicas sugeridas pelo então ministro da Fazenda do governo Lula. Atrevida era. E Palocci enfiou a viola no saco. Dizem que, na época, engoliu em seco, a ministra estava forte, não convinha replicar. Curioso é que, tendo virado presidente da República, diante de gravíssimas dificuldades, teria recuado à ortodoxia, no que poucos acreditam, e esperam confirmação da exoneração do ministro Levy. Meu Deus, país e povo contraditórios.

Quase me esqueci do que queria dizer da revista "Veja". Na página 56, cita-se o ex-deputado Pedro Corrêa, preso na Lava Jato, para sofrer as agruras da delação (?) premiada. Leitor, é de estarrecer o que teria confessado: "Com a autoridade de quem presidiu um dos maiores partidos da base governista, Corrêa disse aos procuradores da Lava Jato 'que Lula e a presidente Dilma Rousseff não apenas sabiam do petróleo, como agiram pessoalmente para mantê-lo em funcionamento'". Deus meu! Humilhação e assalto, se verdadeiro.

Bela e limpa, vem a seguir a revista "Magistratura Mineira", trabalho excepcional dos magistrados do Estado, que sobrepaira a sujeira relatada. E por falar nela, basta citar "Adeus, Fernando Brant", linda crônica de Aldina Soares, juíza de direito de Santa Luzia. É belo, muito belo, o primeiro encontro entre Fernando e Milton descrito por Márcio Borges: "Contaram e recontaram seus parques trocados. Davam para duas cervejas e um ovo cozido". "Fernando gostava de poesia, sabia de cor versos inteiros de Garcia Lorca e Fernando Pessoa. Era sorridente e bem-humorado. Estava gostando muito de conhecer um músico, um compositor. Antes de se levantarem, Bituca perguntou: 'E você, escreve?' 'Escrever o quê? Contos, essas coisas?' 'Você escreve poemas como os que acabou de recitar?' 'Eu nunca escrevi nada'. 'Então vai ter de escrever'". E Fernando escreveu, escreveu, escreveu. E Bituca musicou, musicou, musicou. Termina Borges o fim do encontro mágico: "Assim, combinaram de se encontrar outro dia para tentar realizar a tal empreitada. Nenhum dos dois poderia imaginar as estúpidas consequências daquele encontro casual, que fizera cruzar a linha das suas vidas".

(Maria, Maria, é um dom, uma certa magia. Uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar. Como outra qualquer do planeta). Morreste-nos, Fernando.

ESTADO DE MINAS • QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2015

CULTURA



MÁRIO FONTANA

AMAGIS 60 ANOS

Na prestigiada festa comemorativa dos 60 anos da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), anfitriã por seu presidente, desembargador Herbert Carneiro, além da programação alusiva aos feitos da entidade em favor da classe, foi prestada homenagem especial aos 24 magistrados que se aposentaram em 2014. Foram homenageados 11 desembargadores e 13 juízes, que receberam louvores pelos serviços prestados ao Judiciário durante sua carreira. Entre os presentes ao evento, estavam os presidentes do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, desembargador Pedro Bitencourt, e da Assembleia Legislativa, Adclever Lopes.

FLASH



Na festa dos 60 anos da Amagis, os desembargadores Maurício Soares, Herbert Carneiro e Pedro Bitencourt com o juiz José Martinho

Amagis, uma construção de 60 anos

HERBERT CARNEIRO

Presidente da Amagis

Há 60 anos, um grupo de magistrados mineiros dava os primeiros passos em um movimento associativo que tinha como objetivo organizar, defender e valorizar a classe em um mundo ainda em reconstrução após a Segunda guerra e em um país que se refazia das turbulências políticas (morte de um presidente da República). Vieram em seguida grandes transformações, que marcaram profundamente a humanidade, consolidando a importância da paz e da democracia.

Aqueles magistrados não poderiam imaginar que também estavam fazendo história ao dar os primeiros passos para a criação da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis) e da magistratura que somos hoje, a segunda maior associação de magistrados estaduais da América Latina. Enfrentaram os baixos vencimentos, legislação caduca, incompreensão de governos, pressões várias, instabilidades políticas, quebra da ordem institucional, entre outros. Nem por isso, esses abnegados desistiram. Vocacionados e coerentes, perseveraram, convencidos de que havia uma missão maior – a paz social e o Estado de direito –, que, para ser concretizada, seria fundamental consagrar antes a independência e a valorização da magistratura.

Em todas as etapas, a história da Amagis se confundiu com a do país e recebeu influências inevitáveis. Um dos marcos de seus avanços e conquistas, a união e integração das magistraturas, do interior e da capital, que, hoje engrandecem a associação, foram as mesmas que lhe deram impulso e fortalecimento. No início dos anos 70, em nome da legitimidade e do pertencimento, juízes e desembargadores decidiram superar os efeitos danosos da suspensão do Estado de direito e, apesar do contexto sombrio, consolidaram aquela que é a única representante e braço políti-

co da magistratura mineira.

De lá pra cá, em meio às adversidades, reforçou a crença na democracia e no associativismo, com a realização da primeira eleição em 1975, e se associou à Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB). O crescimento foi inevitável. Paralelamente ao avanço associativo, vieram conquistas para a classe, como a criação do plano de saúde (hoje, premiado oito vezes pela Agência Nacional de Saúde), a construção de sede oficial, entre outros.

Com a redemocratização, todo o país renasceu para a irreversível reconstrução política, administrativa e institucional. Para se refazer, a democracia dependia do protagonismo de suas organizações. Em 1985, a Amagis iniciou campanha nacional pela autonomia do Judiciário; em 1988 e 1989, participou ativamente dos trabalhos das novas constituintes federal e estadual. A magistratura começava a ter vez e voz junto aos Três Poderes.

Avançou e dedicou-se também ao aperfeiçoamento da Justiça, defendendo mudanças na Lei de Organização e Divisão Judiciárias, por melhorias nas condições de trabalho e de segurança, e avançando na democratização interna do Judiciário, com ampliação da elegibilidade a todos os desembargadores para cargos de direção do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. E mais, deu maior transparência às decisões do Tribunal, por meio da transmissão, pela intranet, das sessões de seu Órgão Especial, onde também conquistou assento após 59 anos de atuação.

Tudo isso não foi construído só em defesa dos magistrados, mas representou, na ponta, o aprimoramento da Justiça e do atendimento às demandas do cidadão. Ainda há muito o que fazer, porém, hoje, ser juiz tem valor diferente daquele de 60 anos atrás, mas a coerência e a convicção daquele período permanecem intocáveis e fiéis à sua missão original. Hoje, a Amagis está presente em todos os debates sobre o futuro e os rumos do Judiciário e da magistratura.



>>mario.fontana@uoi.com.br

MÁRIO FONTANA

MINEIRO NO STJ APOIO PARLAMENTAR

Uma delegação de deputados da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, chefiada pelo presidente da casa, deputado Adalclever Lopes, reuniu-se com o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Pedro Bitencourt, para manifestar apoio à nomeação do desembargador mineiro José Afrânio Vilela para o cargo de ministro do Superior Tribunal de Justiça, na vaga de Sidnei Beneti. Vilela integra a lista tríplice formada pelo STJ. Os outros integrantes são os desembargadores Nelson Schaefer Martins, de Santa Catarina, e Antônio Saldanha Palheiro, do Rio de Janeiro.



A delegação suprapartidária que se encontrou com o desembargador Bitencourt reuniu os deputados Lafayette Andrada, Gustavo Corrêa, Agostinho Patrus Filho, Durval Ângelo, Wanderley Miranda e Ulysses Gomes. Também presente o desembargador Herbert Carneiro, presidente da Amagis. O presidente da Assembleia, Adalclever Lopes, levou a Bitencourt manifestações de apoio de instituições políticas mineiras a Afrânio Vilela.